

Coordenação Científica

Teresa Cunha
Catarina Martins

Coordenação Organizadora

Teresa Cunha
Catarina Martins
Agnes Arruda
Begoña Dorronsoro
Catarina Martins
Luísa Valle
Miguel Pires
Sandra Silvestre
Teresa Cunha
Vannessa Carneiro

Coordenação dos Seminários e Oficinas

Agnes Arruda
Begoña Dorronsoro
Catarina Martins
Gaia Giuliani
Joacine Moreira
José Manuel Mendes
Luciane Lucas dos Santos
Luísa Valle
Miguel Pires
Rita Kacia Oliveira
Sandra Silvestre
Sílvia Roque
Teresa Cunha
Vannessa Carneiro

Coordenação Executiva

Rita Kacia Oliveira

A Escola de Inverno Ecologias Feministas de Saberes procura desenvolver um pensamento feminista crítico, reflexivo e dialogante. É um espaço de discussão e de construção de conhecimentos fortemente contextualizados e que visam alimentar as solidariedades Sul-Norte e Sul-Sul.



Escola de Inverno Ecologias Feministas de Saberes



21 A 24 DE JANEIRO DE 2019
CENTRO DE ESTUDOS SOCIAIS
UNIVERSIDADE DE COIMBRA

PROGRAMA DE INVESTIGAÇÃO
EPISTEMOLOGIAS DO SUL

21 - JANEIRO - 2019
CORPOS E LINHAS ABISSAIS

9.30: Acolhimento e Apresentação
Teresa Cunha e Catarina Martins

10.00: Seminário
Lendo e escrevendo se atravessam
abissalidades – Reinscrições
ecológicas dos corpos a partir da
literatura de mulheres africanas
Catarina Martins

11.15: Pausa

11.45: Seminário
Mulheres negras e ciência: Como
descolonizar paradigmas e
vivências e resgatar vozes, corpos
abissais e lugares historicamente
subalternizados
Joacine Moreira

13.00: Almoço

14.30: Oficina
Corpos-aprendizagens:
Resistências além das fronteiras
Agnes Arruda, Luísa Valle e
Vannessa Carneiro

17.30: Assembleia e avaliação do
dia

22 - JANEIRO - 2019
**METODOLOGIAS FEMINISTAS E
ARTESANAIS DAS PRÁTICAS**

9.30: Resumo audiovisual do dia
anterior
Rita Kacia

10.00: Seminário
Produção de conhecimentos
imersos em práticas
transformadoras
José Manuel Mendes e Teresa
Cunha

11.15: Pausa

11.45: Continuação do seminário

13.00: Almoço

14.30: Oficina
Teatro da vida de patas para o ar
José Miguel Pires e Sandra
Silvestre

17.30: Assembleia e avaliação do
dia

23 - JANEIRO - 2019
**DEMOCRACIA E DIGNIDADE
HUMANA E COSMOPOLITISMO
SUBALTERNO INSURGENTE**

9.30: Resumo audiovisual do dia
anterior
Rita Kacia

10.00: Seminário
Corpos, i/mobilidade(s), resistências:
para uma leitura pós-colonial e
feminista da relação entre espaço,
corpo e história
Gaia Giuliani

11.15: Pausa

11.45: Seminário
Homegirls: violência, política e micro-
resistências em modo de
cosmopolitismo subalterno
Sílvia Roque

13.00: Almoço

14.30: Oficina
Pelas ruas da Coimbra feminista e
manifestos pós-coloniais
Agnes Arruda, Begoña Dorronsoro,
Luísa Valle e Vannessa Carneiro

17.30: Assembleia e avaliação do dia

24 – JANEIRO - 2019
**ECONOMIAS E A SOCIOLOGIA DAS
EMERGÊNCIAS**

9.30:Resumo audiovisual do dia
anterior
Rita Kacia

10.00 Seminário
Feminismos do Sul, mulheres
periféricas e o doméstico como político:
aprendendo com as mulheres e a
plasticidade de suas práticas
económicas
Luciane Lucas dos Santos

11h15. Pausa

11h45. Seminário
A crítica feminista das Epistemologias
do Sul e a invenção do trabalho
reprodutivo das mulheres
Teresa Cunha

13h. Almoço

14h30. Oficina
Outras economias são possíveis: o
nosso mercado solidário
José Miguel Pires e Sandra Silvestre

17h30. Assembleia, avaliação final e
distribuição de certificados

RESUMOS DAS SESSÕES - CORPOS E LINHAS ABISSAIS

Lendo e escrevendo se atravessam abissalidades –
Reinscrições ecológicas dos corpos a partir da
literatura de mulheres africanas
Catarina Martins

Propõe-se a leitura coletiva de algumas obras da literatura de mulheres africanas para interrogar questões feministas, a partir de diferentes lugares de África. Respondemos ao desafio de Boaventura de Sousa Santos, que critica a razão ocidental moderna como uma razão abissal, a qual produz como inexistente o mundo colonizado e invalida os saberes destas geografias, no sentido da abertura a epistemologias do Sul, que promovam a justiça social e cognitiva através de uma ecologia de saberes. Queremos alargar os conceitos de Santos a dimensões feministas que aqueles não compreendem, bem como desvendar a criação de abissalidades e opressões por parte dos feminismos.

No centro da reflexão estará o conceito de corpo enquanto um dos elementos da dicotomia central do pensamento da modernidade ocidental – a dicotomia mente / corpo – e se apresenta, invariavelmente, como sede da produção da diferença que subalterniza, mas também como o lugar político da resistência. Dar-se-á destaque a práticas de leitura e de escrita como fundamentais para a (des)codificação do simbólico que sustenta as práticas sociais e permite a transformação das relações de poder.

Mulheres negras e ciência: Como descolonizar
paradigmas e vivências e resgatar vozes, corpos abissais
e lugares historicamente subalternizados
Joacine Moreira

O corpo negro feminino é o espaço onde se circunscrevem as maiores violências e onde o mapa colonial foi melhor distribuído, espelhando-se hoje no racismo e xenofobia e suas práticas discursivas violentas. Na reposição da justiça histórica e epistemológica, impõe-se o reconhecimento de que as mulheres negras, feitas “o Outro do Outro”, foram transformadas em tudo aquilo que o sujeito colonizador não quis ser. A outrificação, a desumanização e a objectificação dos seus corpos são resultados de práticas discursivas e métodos de diminuição como forma a torná-los menores e não reconhecidos.

São necessárias estratégias de reposição da justiça histórica e estas poderão tomar forma com a produção do conhecimento científico que transgride a norma colonial promovendo justamente 1) a mudança de paradigma; 2) e a reconceptualização; 3) a criação de novas práticas discursivas. Tendo em conta que o epistemicídio foi legitimado através da invisibilização das experiências e corpos dos sujeitos negros, o desafio contemporâneo passa por descobrir como torná-los visíveis, portanto audíveis, num mundo de sombras do passado (presente) colonial.

Corpos-aprendizagens: Resistências além das fronteiras
Agnes Arruda, Luísa Valle e Vannessa Carneiro

Partimos da compreensão de que nossos corpos estão cheios de sensibilidades, pulsam a vida e guardam diversas memórias e narrativas. Dessa forma, nossa oficina propõe um diálogo sobre corpos e representações, por meio de mapeamento sensório-territorial, dividida em três momentos-chave: 1. Identificação dos nossos limites e zonas de contatos; 2. Confrontação das zonas de tensões; e 3. Desafios para ressignificações e resistências. O objetivo primeiro é o despertar cognitivo do que é pré-concebido e recebido como limites dos nossos corpos. Para isso utilizaremos sons e textos, em um contexto dinâmico e coletivo, capaz de nos colocar sensíveis às percepções. Seguiremos para a concretude das tensões com o confronto daquilo que pensamos ser, representando as imagens que temos dos nossos próprios corpos com sucatas e materiais diversos. Por último, abriremos espaço para os desafios das ressignificações desses corpos, a partir de outros olhares para além do héteropatriarcal-capitalista-colonial. Serão então trazidos recursos como espelhos, fotografias e imagens que possibilitem esse processo. Procuraremos, assim, abrir caminhos para as resistências e ações transgressoras - e/ou fortalecer as já existentes - daquilo que é separado, antagônica e hierarquicamente, pelas linhas abissais contemporâneas.

RESUMOS DAS SESSÕES - METODOLOGIAS FEMINISTAS E ARTESANAIS DAS PRÁTICAS

Produção de conhecimentos imersos em práticas transformadoras

José Manuel Mendes e Teresa Cunha

Numa época em que a análise social e cultural se torna aparente através de conceitos marcados através de prefixos como, pós-colonial, pós-social, pós-confiança, pós-política, entre outros, que derivam de uma noção de fracasso ou impotência do conhecimento e epistemologias centrados no Ocidente, é necessário buscar paradigmas alternativos que possam fomentar uma verdadeira transformação social, justiça e emancipação. Muitas intelectuais e activistas feministas há muito que têm vindo a criticar a ideia de um conhecimento abstracto, que não vem nem está em nenhum lugar nem tempo propondo, ao invés, que todo o conhecimento é situado e deve ser modesto (Haraway, 1988; 1997).

A questão principal é, pois, como estudar grupos oprimidos com base na igualdade e no respeito? A nossa visão epistemológica e metodológica é guiada por uma produção de conhecimento mais coletiva e participada que requer um esforço analítico mais profundo e complexo e, neste sentido, se pode ser configurada num artesanania de práticas que busca a produção de saberes situados, conectados a contextos específicos e imersos em práticas transformadoras. A linguagem privilegiada destas metodologias é a narrativa. Contar estórias - que é compatível com expressões de escrita e oralidade, teatro, música, dança e artes visuais - cria um sentido imediato e concreto de co-presença. É uma co-presença que não pode ser alcançada pela linguagem conceptual (técnica, filosófica ou científica). A co-presença precede o significado. Co-produzir conhecimento é sempre aprender com a partir de epistemologias e metodologias não extractivistas e que se baseiam em relações de sujeita/o-sujeita/o e não sujeita/o-objecto.

Teatro da vida de patas para o ar

José Miguel Pires e Sandra Silvestre

O teatro dx oprimidx é um instrumento e uma linguagem para dizer a vida, experimentar o mundo e reunir forças para levar por diante as transformações que queremos protagonizar. Nesta oficina vamo-nos apropriar e reinterpretar técnicas desenvolvidas por Augusto Boal para pensar, reflectir, sentir, fazer tanto opressões como resistências a elas. Queremos ir mais longe ainda. Em colectivo vamos imaginar e criar liberdade, emancipação, autonomia, solidariedade, felicidade, voz, grito, e tudo o que nos pode fazer andar por outros caminhos. Outros caminhos para andar de patas para o ar se for preciso.

RESUMOS DAS SESSÕES - DEMOCRACIA E DIGNIDADE HUMANA E COSMOPOLITISMO SUBALTERNO INSURGENTE

Corpos, i/mobilidade(s), resistências: para uma leitura pós-colonial e feminista da relação entre espaço, corpo e história
Gaia Giuliani

O meu seminário propõe uma interpretação das mobilidades livres e forçadas (aquelas que atravessam as fronteiras e também as linhas sociais, raciais, sexuais e de classe). O contexto é o da história da opressão capitalista: meu objetivo é o de ler as migrações, e as mobilidades em geral, como dispositivos das relações de poder espacializadas e, ao mesmo tempo, como formas de rebelião. O seminário constrói uma ligação entre metrópole e periferias coloniais ao fim de habilitar uma leitura global dos processos de exploração assim como das resistências e das formas de subjetivação relacionando-as com o conceito de cosmopolitismo subalterno insurgente. Analiso como o corpo está construído dentro do sistema simbólico que o posiciona de acordo com as hierarquias nacionais, imperiais e pós-coloniais. Focando numa perspectiva interseccional, o objetivo final é valorizar, em oposição à iconografia do sujeito feminizado e racializado imposta pelo discurso hegemónico, as formas de resistência que constituem espaços individuais e coletivos revolucionários.

Homegirls: violência, política e micro-resistências em modo de cosmopolitismo subalterno
Sílvia Roque

Apesar de cerca de 20 a 40% dos membros de gangs em El Salvador serem do sexo feminino, a participação das mulheres nestes grupos tem sido marginalizada e minorizada. Este (aparente) paradoxo no interesse votado às experiências das mulheres que integram gangs está relacionado com a questão da diferença de legitimidade associada à ação e objetivos dos diferentes grupos. Quando as mulheres se envolvem em grupos violentos em contextos de guerra, seja em exércitos, seja em grupos de guerrilha, é muitas vezes com base num pacifismo inerente que são retratadas nas práticas e discursos políticos e mediáticos. São remetidas para papéis de apoio (secundarizados) ou de cuidadoras e a sua participação é quase sempre entendida como um prolongamento das suas funções tradicionais, mesmo quando elevadas ao estatuto de heroínas primordiais, sustentáculos das lutas e projectos nacionalistas ou revolucionários. Quando a violência das mulheres é exercida fora de um enquadramento ideológico justificativo, ela é também abordada do ponto de vista da excecionalidade, em dois sentidos diferentes. Em primeiro lugar, no sentido de serem invisibilizadas: são tidas como meras “acompanhantes”, membros secundários e apoiantes, mas não membros centrais e activos dos gangs, assim como as fundações sexuadas da violência dos gangs (feminilidades, masculinidades e a relação entre estas) também não parecem ser relevantes. Em segundo lugar, no sentido de serem hiper-visibilizadas como exemplos de um “desvio” de género, sendo a violência por elas praticada vista como irracional ou anormal. Tornam-se parte de uma imagética que as revela como expressões de feminilidades perversas: são “bad girls” que se afastam dos papéis pacíficos esperados, desprovidas de “feminilidade”, cuja ligação aos gangs se explica sobretudo por via da sexualidade e da hiperssexualização dos seus atos; ou são ‘monstros’, hiper-agentes, ainda mais assustadoras e vorazes do que os homens no seu desempenho da violência. Em suma, retira-se-lhes a feminilidade, a normalidade e a humanidade. Nesse sentido, alguns estudos e ativismos feministas têm um papel contraproducente ao reforçar essa associação, recusando olhar os fragmentos feministas que emergem da análise dos relatos destas jovens – ainda que ambíguos, incompletos ou incoerentes. São esses fragmentos que pretendo analisar, centrando-me em duas dimensões: a sua agência política e as suas micro-resistências enquanto sobreviventes de um ciclo intenso de violência.

Pelas ruas da Coimbra feminista e manifestos pós-coloniais
Agnes Arruda, Begoña Dorronsoro, Luísa Valle e Vanessa Carneiro

Chamar a Coimbra de “a cidade do conhecimento” - no singular, repare-se - ou até mesmo “berço de reis”, colocamos perante a um imaginário de uma cidade profundamente heteronormativa, colonial e patriarcal. Para confirmar esse senso comum de uma época conservadora e sexista temos, entre outros elementos, uma Praxe Académica que reproduz anualmente rituais de autoritarismo inquestionado, hierarquia, dominação, e violência. Na contramão dessa Coimbra de sombras, muitos grupos insurgentes ocupam espaços pelas ruas da cidade e marcam territórios de resistência. É o caso dos coletivos feministas, com seus graffitis e pichações com palavras de ordem, frases de reflexão e outras imagens que remetem à luta das mulheres por sua emancipação, dignidade e consequente liberdade. Propomos então, com esta oficina, (re)conhecer, pelas suas ruas, os manifestos dessa Coimbra feminista e pós-colonial, que também precisa ser vista e valorizada. Faremos uma caminhada por diferentes lugares, informais e formais, onde coletivos se (re)apropriam de um espaço que é público e, sendo assim, de todxs, discutindo e desafiando os mitos de uma Coimbra subjugada ao fado colonial e machista. Vamos encontrar e conversar pelo caminho com protagonistas dessa Coimbra feminista, bem como visitar diferentes espaços de coletivos e resistência, como associações e repúblicas feministas, onde diferentes gerações continuam, todos os dias, a desconstruir tanto o sonho do império quanto o fardo do homem branco como medida de todas as coisas. Ao final, convidaremos xs participantes a ocuparem também a cidade e a realizarem uma intervenção artística urbana.

RESUMOS DAS SESSÕES - ECONOMIAS E A SOCIOLOGIA DAS EMERGÊNCIAS

Feminismos do Sul, mulheres periféricas e o doméstico como político: aprendendo com as mulheres e a plasticidade de suas práticas económicas

Luciane Lucas dos Santos

Este seminário parte da necessidade de um alargamento epistemológico do conceito de economia, assumindo como parte de seu léxico práticas usualmente consideradas como menos relevantes por não estarem subsumidas à lógica do mercado capitalista. Para debater este ponto, recorro a uma reflexão sobre as potencialidades e os limites do campo conhecido hoje como Economia Feminista, nele identificando os riscos de ausências teóricas, imprecisões metodológicas e invisibilidade de corpos, já que assente na racionalidade moderno-ocidental. Neste seminário, procuro também retomar o debate sobre o doméstico, discutindo: 1. a suposta universalidade da cisão entre este domínio e o económico; 2. a potência política do doméstico a partir da articulação de mulheres do Sul para reincrustar a Economia; 3. a criação de outras lógicas de pertença e de construção da identidade a partir de arranjos económicos de mulheres. Em termos teóricos, este seminário se fundamenta nos conceitos de sociologia das ausências e das emergências de Boaventura de Sousa Santos, no par incrustação/desincrustação na teoria de Karl Polanyi e no conceito de diferença em Avtar Brah.

A crítica feminista das Epistemologias do Sul e a invenção do trabalho reprodutivo das mulheres

Teresa Cunha

Uma crítica feminista das Epistemologias do Sul permite distinguir com maior clareza que a racionalidade abissal inscrita no penso moderno logocêntrico é também androcêntrico e antropocêntrico. Por outras palavras, a separação abissal está também reflectida no sexismo, entendido enquanto sistema de disjunção e hierarquização com base na oposição entre feminino e masculino reduzidos a atributos biossociais criados e alimentados por si. Os trabalhos de muitas feministas têm vindo a mostrar como as estratégias das mulheres [são cooptadas em] proveito dos homens (Whathouse; Vijfhuizen, 2001) ou como alerta Silvia Federici (2004) inventou-se a mulher como ‘dona de casa’, responsável pelo cuidado e pela infra-estruturação da vida e das condições necessárias para a produção e a conseqüente acumulação do capital. A transformação do trabalho numa mercadoria, que pode ser comprada em vendida teve, como conseqüência, uma mudança paradigmática sobre o conceito de trabalho e de economia. Se o trabalho foi entendido durante muito tempo como o outro nome das actividades humanas (Polany, 1975 [1944]: 72) com a revolução industrial moderna passa a ser as actividades que podem ter valor de troca no mercado capitalista. Sendo assim, os trabalhos das mulheres, realizados fora da esfera industrial e do comércio, ou seja, no espaço doméstico ou da comunidade, uma vez que não assalariados – não têm valor de troca no mercado - deixam de ser trabalho, ou, quando muito, são considerados trabalho reprodutivo. Como afirma Amaia Orozco (2014) a promoção de uma ética reacionária do cuidado está na base do contrato social moderno que continua a manter a obsessão pela conquista dos conhecimentos e dos corpos das mulheres (Federici, 2004) reorganizando e reapropriando os seus modos de vida, as suas actividades, enfim, os seus trabalhos.

Outras economias são possíveis: o nosso mercado solidário

José Miguel Pires e Sandra Silvestre

O O mercado não é um monstro que precisamos de derrotar a todo o custo. O monstro que precisamos de vencer é a ideia de um só mercado onde tudo, mesmo tudo, pode ser comprado e vendido. Nesta oficina queremos experimentar outras formas de pensar e praticar a economia através da troca, das reciprocidades, das alianças, desfazendo as divisões e as hierarquias entre quem produz e quem consome. Com o recurso a uma moeda social cujos princípios, valor, modos de funcionamento será colectivamente decidida nas assembleias comunitárias de final de dia, propomo-nos levar a cabo um mercado solidário onde a abundância e a sobriedade sejam possibilidade de organizar o mundo e a vida. Esta oficina, apesar de acontecer no último dia da nossa Escola de Inverno ‘Ecologias Feministas de Saberes’, é uma experiência transversal e comunitária que nos incita à participação constante e ao cuidado que tem no seu centro a vida em todas as suas formas e manifestações.

NOTAS BIOGRÁFICAS

Agnes Arruda

Doutoranda e Mestra em Comunicação pela Universidade Paulista. Professora Coordenadora dos Cursos de Design Gráfico, Jornalismo e Publicidade e Propaganda da Universidade de Mogi das Cruzes

Begoña Dorronsoro

Graduada em Ciências Biológicas (Ecologia) pela Universidade do País Basco Espanha Com experiência de mais de 10 anos, trabalhando e militando em diversas ongs bascas, em cooperação internacional para o desenvolvimento dos povos, com organizações indígenas principalmente de Colombia, Bolívia e Guatemala. Volta a academia para fazer o Mestrado em Estudos Feministas e de Gênero, também na Universidade do País Basco, com a entrega final da tesina do grado "Contextualizando la descolonización del feminismo desde la perspectiva indígena. Una mirada múltiple"

Catarina Martins

Professora Auxiliar do Departamento de Línguas, Literaturas e Culturas da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra e Investigadora do Centro de Estudos Sociais. Foi leitora, durante vários anos, na Universidade Cheikh Anta Diop de Dakar. É Doutorada em Literatura Alemã pela Universidade de Coimbra (2008). Tem publicado sobre temas de estudos feministas e pós-coloniais, literatura comparada, literatura de expressão alemã e literaturas africanas, em particular de mulheres. De entre as suas actuais áreas de investigação destacam-se os estudos pós-coloniais e os estudos feministas, associados a temas e problemáticas das literaturas e culturas. é docente em programas de Doutoramento em Estudos Feministas, Estudos Pós-Coloniais e Estudos de Literatura e Cultura.

Gaia Giuliani

Doutoramento: Universidade de Turim, 2005; Pós-doutoramento: Universidade de Bolonha, 2009; Universidade de Tecnologia de Sydney (2010). Investigadora do Centro de Estudos Sociais, Universidade de Coimbra e membro fundador do - InteRGRace (Universidade de Pádua). Em 2018 obteve o título de Profesora Auxiliar em Filosofia política na Itália. Principal Investigator do projeto (DE)OTHERING: Desconstruindo o Risco e a Alteridade: guiões hegemónicos e contra-narrativas sobre migrantes/refugiados e "Outros internos" nas paisagens mediáticas em Portugal e na Europa. Foi assistente de investigação em Teoria Política e Estudos Coloniais e Pós-coloniais, na Universidade de Bolonha, Itália, no Departamento de Ciência Política e Social, e orientadora universitária no Departamento de Sociologia da Universidade de Cambridge. Foi Professora Honorária Visitante na Universidade de Tecnologia de Sydney, NSW, na Universidade de Leeds, no Goldsmiths College, Universidade de Londres, no Departamento de Sociologia, Universidade de Cambridge, no Departamento de História, na Universidade Fordham, Nova Iorque e Birkbeck Institute for Humanities, Universidade de Londres

Joacine Moreira

Nasceu na Guiné-Bissau em 1982, é feminista e activista negra. É Doutora em Estudos Africanos e Investigadora do Centro de Estudos Internacionais do ISCTE. Possui uma licenciatura em História Moderna e Contemporânea - vertente de Gestão e Animação de Bens Culturais e um mestrado em Estudos do Desenvolvimento. A sua perspectiva é interdisciplinar, trabalhando em simultâneo sobre questões de género, das violências e da política em geral, as questões do Desenvolvimento, das intervenções sociais e internacionais e dos movimentos cívicos. É presidenta e fundadora do INMUNE - Instituto da Mulher Negra em Portugal, fundada por 27 mulheres de diversas áreas e que lutam contra a invisibilização e o silenciamento de mulheres, jovens e meninas negras na História e no tempo presente e tem participado activamente no debate público sobre o racismo, o colonialismo e a Escravatura.

José Manuel Mendes

José Manuel Mendes é doutorado em Sociologia pela Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra, onde exerce as funções de Professor Associado com Agregação. Investigador do Centro de Estudos Sociais, tem trabalhado nas áreas do risco e da vulnerabilidade social, planeamento, políticas públicas e cidadania. É coordenador do Observatório do Risco - OSIRIS, sediado no Centro de Estudos Sociais, e Diretor da Revista Crítica de Ciências Sociais.

José Miguel Pires

José Miguel Pires, nascido a 9 de janeiro de 1980, licenciado em Animação Socioeducativa pela Escola Superior de Educação de Coimbra. Desde 1997 que trabalha em projetos de educação e de intervenção comunitária, especialmente dedicados ao trabalho com crianças e jovens. Adepto da Educação Não-Formal, usa-a como ferramenta de motivação para a aprendizagem significativa de temáticas relacionadas com Direitos Humanos e Justiça, sempre em sintonia com as metodologias formais, seja no contexto escola em conjunto com os/as professores/as, na comunidade/ ou bairro através de associações, ou em atividades informais e pontuais. Enquanto membro da AJPaz – Ação para a Justiça e Paz, desde 2007, especializou-se na área das Economias Solidárias, tendo aperfeiçoado, em conjunto com as comunidades envolvidas e tomando como exemplo as experiências anteriores (AJPaz e Inloco), um formato metodológico para os Mercados Solidários/ Sociais que considera ser um valioso instrumento de transformação social. Atualmente reside em Coimbra e trabalha em regime free-lancer com diversos projetos que vão da Educação à área comercial.

Luciane Lucas dos Santos

Luciane é investigadora sénior no Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra, integrando e co-coordenando o Núcleo de Investigação Democracia, Cidadania e Direito (DECIDE). Também integra, como membro permanente desde 2008, o Grupo de Estudos sobre Economia Solidária do CES (ECOSOL-CES). Foi professora visitante no Brasil, na Universidade Federal do Sul da Bahia, tendo atuado como parte da equipa docente do Programa de Pós-Graduação em Estado e Sociedade (PPGES/UFSB). Anteriormente, foi parte da equipa de investigação do Projeto Alice - Espelhos Estranhos, Lições Insuspeitas, projeto internacional financiado pela European Research Council sob a coordenação de Boaventura de Sousa Santos. É mestre e doutora em Comunicação e Cultura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, tendo concluído o doutoramento há 14 anos. Tem trabalhado como docente há quase 20 anos, com uma longa carreira académica na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (Brasil). Depois de lecionar, investigar e escrever por longo tempo sobre as questões do consumo, tem dedicado os últimos seis anos ao tema das economias subalternas a partir de uma perspetiva feminista. Seus principais temas de interesse no âmbito da investigação, da supervisão e da docência são: feminismos pós-coloniais, estudos pós-coloniais e decoloniais da Economia e do consumo, Economia Feminista, Estética Feminista, pobreza e desigualdade social numa perspetiva interseccional, Economia Solidária, o Sul Global no contexto europeu.

NOTAS BIOGRÁFICAS

Luísa Valle

Luísa Valle é graduada em direito (USU/RJ, Brasil), especializada em direito público e gestão pública (UniCEUB, Brasil), mestrada em direito (UnB, Brasil) e em ciências sociais e jurídicas (UPO, Espanha). Atualmente é doutoranda do programa Democracia no Século XXI, do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra. Os principais temas de interesse e investigação com os quais trabalha são: ecofeminismos, epistemologias do sul, direitos humanos, ética, pedagogia ambiental, teorias decoloniais, feminismos decoloniais, justiça social, democracia, ecologia política e pós-colonialismo. Participou, na qualidade de investigadora doutoranda, do projeto COMUNIX - participação ativa de jovens na governação de áreas comunitárias - implementado no Centro de Estudos Sociais, financiado ao abrigo do programa Erasmus+ - Programa para a Educação, Formação, Juventude e Desporto, gerido pela Agência Nacional para a Juventude -, no período de 2 de maio de 2017 até 31 de dezembro de 2017.

Rita Kacia Oliveira

Rita Kacia Oliveira integra o Gabinete de Gestão de Projetos do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra. É licenciada em Sociologia pela Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra. Funcionária do CES desde 2008, fez parte do Gabinete de Eventos Comunicação e Imagem, enquanto responsável pela gestão de eventos, até 2013, altura em que passou a assumir funções de Secretária Executiva do projeto ALICE - Espelhos Estranhos, Lições imprevistas: Definindo para a Europa um novo modo de partilhar as experiências do Mundo, coordenado por Boaventura de Sousa Santos. Com larga experiência na produção de eventos científicos e culturais, antes de fazer parte da equipa de funcionárixs do CES colaborou na organização de exposições, palestras de âmbito cultural e concertos. Foi mediadora cultural da Exposição Coimbra-Aix-en-Provence (Convento de São Francisco, 2007). Fez parte da organização do I Prémio de Pintura da Galeria Santa Clara. Colaborou como assistente de apoio à investigação do projeto "Territórios Europeus numa perspectiva comparada". No CES acumula funções de tradutora de português-inglês e em regime de freelancer traduziu um considerável número de artigos e relatórios para instituições e investigadores nacionais e internacionais. Faz parte do conselho editorial do ALICE News, sendo responsável pela gestão da plataforma de informação e dos seus conteúdos

Sandra Silvestre

Sandra Silvestre é licenciada em Relações Internacionais pela FEUC, com formação especializada na área da Educação para os Direitos Humanos (EYCB/COE). Entre 2002 e 2011 foi dirigente associativa da ONGD AJPaz - Ação para a Justiça e Paz, onde coordenou e animou diversos projetos socioeducativos, nacionais e internacionais. Recentemente, tem-se dedicado a projetos de cidadania, democracia participativa, igualdade e direitos humanos. Entre 2014 e 2016 no Grupo Aprender em Festa (Gouveia), entidade com a qual continua a colaborar, e, em 2016-2017, na iniciativa nacional Roteiro Cidadania em Portugal promovido pela ANIMAR - Associação Portuguesa para o Desenvolvimento Local e a Secretária de Estado para a Cidadania e Igualdade. Em 2018, colaborou ainda com a Rede Inducar no projeto Desafia-Te promovido pela Câmara Municipal de Santa Maria da Feira. Desde cedo que está ligada ao teatro escolar, universitário, amador e profissional. Em 2004, começou a desenvolver atividades de Teatro da/o Oprimida/o, depois de uma primeira formação com curingas do CTO-Rio. Tem continuado a fazer formação nesta área e das atividades realizadas destaca-se o trabalho com a Fundação Ernesto Roma/Associação Protetora dos Diabéticos de Portugal. Iniciado em 2010, este projeto na área da educação terapêutica teve recentemente uma apresentação de Teatro Fórum da peça "Sala da Desespera" no Grande Encontro da Diabetes.

Sílvia Roque

Sílvia Roque é investigadora do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra. Doutorada em Relações Internacionais pela Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra (2014). Realizou ainda um mestrado em Estudos Africanos (2007), no ISCTE-IUL-Instituto Universitário de Lisboa, e é licenciada em Relações Internacionais pela Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra (2002). Desde 2005 tem trabalhado em projectos de investigação no domínio das Relações Internacionais, em particular na área de Estudos para a Paz. Para além da Guiné-Bissau e de El Salvador, países onde concentrou a maior parte da sua investigação, colaborou ainda em projectos de investigação em Portugal e em Moçambique. Além disso, tem colaborado com organizações da sociedade civil e organizações internacionais na realização de estudos, formação e cooperação que visem a compreensão e a diminuição de várias expressões de violência.

Teresa Cunha

É doutorada em Sociologia pela Universidade de Coimbra. É investigadora sénior do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra onde ensina em vários Cursos de Doutoramento; co-coordena o Núcleo de Humanidades, Migrações e Estudos para a Paz (NHUMEP), os ciclos do Gender Workshop e das Oficinas das Epistemologias do Sul e o Programa de Investigação Epistemologias do Sul. É investigadora associada do CODESRIA e do Centro de Estudos Africanos da Universidade Eduardo Mondlane, Moçambique. Em 2017, foi agraciada com a Ordem de Timor-Leste pelo Presidente da República Democrática de Timor-Leste. Os seus interesses de investigação são feminismos e pós-colonialismos; mulheres transição pós-bélica, paz e memórias; outras economias e economias feministas; direitos humanos. Tem publicados vários livros e artigos científicos em diversos países e línguas dos quais se destacam: *Women InPower Women. Outras Economias criadas e lideradas por mulheres do sul não-imperial; Never Trust Sindarela. Feminismos, Pós-colonialismos, Moçambique e Timor-Leste; Ensaios pela Democracia. Justiça, dignidade e bem-viver; Elas no Sul e no Norte; Vozes das Mulheres de Timor; Timor-Leste: Crónica da Observação da Coragem; Feto Timor Nain Hitu - Sete Mulheres de Timor»; Andar Por Outros Caminhos e Raízes da Participação.*

Vannessa Alves Carneiro

Doutoranda do Programa Direitos Humanos nas Sociedades Contemporâneas, do Centro de Estudos Sociais, da Universidade de Coimbra. Mestra em Direitos Humanos e Cidadania, pelo Programa de Pós-Graduação em Direitos Humanos e Cidadania, da Universidade de Brasília (UnB). Especialista em Políticas Públicas para la Igualdad en América Latina, pelo Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales (CLACSO) e Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais (FLACSO). Especialista em Relações Internacionais pela UnB. Graduada em Relações Internacionais pelo Centro Universitário de Brasília. Trabalhou em organismos internacionais como: FLACSO, Organização dos Estados Ibero-americanos para a Educação, a Ciência e a Cultura (OEI) e Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD/ONU). Seus temas de interesse estão relacionados aos direitos humanos, à educação em direitos humanos, à pedagogia crítica e aos feminismos. Atualmente, é bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) – Brasil.